

CONTROLE ESTRUTURAL SOBRE OS PALEOCANAIIS SUBMARINOS DO MIOCENO INFERIOR DA BACIA DE CAMPOS

Zerfass, H.; Casagrande, J.
Petróleo Brasileiro S.A.

RESUMO: Os depósitos miocênicos de um campo da Bacia de Campos produzem petróleo preferencialmente em dois intervalos turbidíticos, interpretados como complexos de canais com sentido de deposição para ESE. O presente trabalho tem por objetivo investigar o controle estrutural sobre a orientação e posição dos paleocanais e depocentros deste sistema turbidítico. Utilizando-se sísmica 3D de alta resolução foi realizada uma análise estrutural na área do campo e adjacências. A metodologia se baseou no mapeamento e entendimento da movimentação das falhas e na identificação de estruturas de deformação dúctil, a fim de se conhecer os eixos de deformação. Além disso, a idade relativa da deformação foi definida observando-se o comportamento de horizontes estratigráficos conhecidos em relação às estruturas. Com a idade da deformação definida foi possível identificar o controle estrutural sobre os paleocanais. A análise levou à identificação de dois domínios estruturais. O Domínio I ocorre na porção centro-sul da área. Apresenta uma trama estrutural com direção NNE-SSW herdada da tectônica de jangadas do Cretáceo tardio, a qual afetou a plataforma carbonática do Grupo Macaé. Neste processo foram formadas estruturas distensionais do tipo *graben* e *rollover* que posteriormente foram reativadas por inversão positiva do Paleogeno até o Neogeno tardio, sendo esta evidenciada por *pop-ups* e falhas reversas em arpão. Esta contração se deu na direção E-W e, em relação à sua idade, interpreta-se que a mesma seja progressivamente mais jovem para oeste. A contração gerou altos estruturais ortogonais ao sentido da deposição no paleotalude, de modo que estes altos atuaram como barreiras sin-deposicionais aos fluxos subaquosos. A análise das isópacas dos intervalos turbidíticos sugere alterações significativas no gradiente deposicional. Para o intervalo inferior esta alteração, possivelmente, está relacionada a um dobramento identificado a jusante da área de deposição. No intervalo superior as isópacas revelam o deslocamento do depocentro quando comparado ao nível inferior. Esta variação das isópacas entre os intervalos é interpretada como produto da progressão da contração. Entretanto, observa-se que algumas canalizações do nível turbidítico superior são capazes de transpor os altos estruturais na tentativa de manter o perfil de equilíbrio após o preenchimento do depocentro principal. Estes canais são capturados em uma região mais distal por um sinclinal associado a uma dobra por propagação de falha, produto da inversão tectônica observada no Domínio I. O Domínio II ocorre no norte da área, sobre uma zona altamente deformada do embasamento. A feição mais proeminente é um domo de sal bordejado por *rollovers* com direção WNW-SSE. Adicionalmente observa-se um sistema de falhas que se propaga para oeste a partir deste alto. A contração na direção E-W, atuando sobre as estruturas do Domínio II, produziu uma zona de transcorrência sinistral. Os paleocanais estudados são paralelos a esta zona, também sugerindo um controle estrutural para os mesmos. Sendo assim, conclui-se que a deposição nos paleocanais da área estudada ocorreu simultaneamente à contração com vergência para oeste, que já vinha ocorrendo desde o Paleogeno. A disposição dos depocentros é coerente com o avanço progressivo da deformação para oeste.

PALAVRAS-CHAVE: MIOCENO, CANAIS SUBMARINOS, INVERSÃO TECTÔNICA.